

Paulo Feytor Pinto

paulo.feytor@ese.ips.pt

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal

► **Cultura oral: oratura, escritas ágrafas, geografia corporal e observação direta**

Resumo

Neste texto apresentam-se características do património oral que podem constituir matéria-prima para a conceção de um leque variado de estratégias e/ou materiais para a aprendizagem de conteúdos e desenvolvimento de competências dos programas de Português (língua materna) e de Português Língua Não Materna, para projetos ou sequências interdisciplinares ou de educação intercultural.

O conceito de património oral é aqui encarado num sentido muito lato. Ele inclui, não só os textos poéticos, narrativos e dramáticos próprios da literatura de tradição oral, a oratura, mas também formas de escrita ágrafa em linguagem visual, do domínio da picturalidade, e especificidades da estrutura lexical das línguas cujos falantes não adotaram ainda um sistema de escrita, que se revelam no léxico utilizado para representar o tempo, o espaço e o comportamento humano (geografia corporal e observação direta).

Apesar de se tratar de um património de matriz oral, as suas características, tendo origem na cultura oral, perduram também nas sociedades contemporâneas de tradição escrita.

Palavras-chave: património oral, picturalidade, estrutura lexical

Área temática: Património Oral

As sociedades onde a maioria da população não sabe ler nem escrever, apesar de serem comumente designadas comunidades ágrafas, dispõem de formas de registo gráfico permanente de mensagens e de mecanismos imateriais de preservação do legado do passado. À medida que a escrita se foi expandindo nas sociedades ocidentais, essas formas de registo e esses mecanismos de preservação foram progressivamente abandonados ou apenas socialmente desprestigiados. Neste contexto, é previsível a caracterização consagrada das culturas de tradição oral pela negativa – sem escrita.

A verdade, porém, é que a cultura moderna ocidental continua a recorrer ao registo e à difusão da memória próprios da oralidade. Não só os tradicionais ou tradicionalmente transmitidos, ou suas reinterpretações, mas também novas modalidades de comunicação verbal oral resultantes do progresso tecnológico. Além disso, a cultura oral deixou ainda marcas na estrutura do léxico que subsistem nas línguas há muito tempo escritas, como a língua portuguesa.

Nesta perspetiva, o património oral, além da oratura, inclui também a comunicação não-verbal que se materializa em textos visuais mais ou menos permanentes e duradouros e nas marcas das culturas de tradição oral no léxico das

línguas. Estas três componentes da cultura oral podem constituir-se como uma plataforma transversal de interação entre conteúdos curriculares dos programas de Português e Português Língua Não Materna, entre estes programas e os de outras disciplinas do currículo e entre as culturas presentes na sala de aula.

Estas três componentes serão apresentadas através de casos concretos de textos verbais, de textos visuais e de palavras que exemplificam a presença e uso de estratégias próprias da oralidade em sociedades tradicionais e modernas, passadas e contemporâneas. Aliás, a realidade atual obriga a integrar no património oral novos textos tipicamente orais, disponíveis em ecrãs de todas as dimensões, do telemóvel à sala de cinema.

Trata-se, portanto, de uma apresentação não exaustiva de características da comunicação verbal e não-verbal, próprias das sociedades maioritariamente analfabetas, e não da apresentação de estratégias ou materiais para a aula de Português.

Toda a Literatura tem as suas origens na Oratura, a literatura de tradição oral. As técnicas de versificação dependem da oralidade e resultam também da necessidade de memorizar o texto, a mensagem, em sociedades ágrafas. A métrica, a rima ou a aliteração são, assim, mnemónicas que contribuem para a manutenção da forma e do conteúdo dos textos. A aplicação desta estratégia resultou na poesia, em ditados, provérbios, trocadilhos, adivinhas e trava-línguas. Estes textos podem ter um carácter essencialmente artístico como, nos primórdios da literatura portuguesa, a lírica trovadoresca e o cancioneiro popular medieval, ou como, atualmente, os textos escritos para serem cantados, mas podem também ser um mecanismo de transmissão e retenção de conhecimentos acerca do comportamento humano ou da natureza, e de desenvolvimento do conhecimento explícito da língua materna. Vejam-se os seguintes casos:

Quem	Março, marçagão	A caminho de Siracusa,
Tudo quer	De manhã, inverno	Disse Pitágoras aos netos:
Tudo perde	À tarde, verão	O quadrado da hipotenusa
		É igual à soma do quadrado dos catetos

Em todos eles há rima (a forma versificada escrita do primeiro é questionável) e há repetição da métrica. Dois versos com três sílabas métricas, no primeiro caso, todos os versos com cinco sílabas, no segundo, e três versos com oito sílabas, no terceiro. Pela mesma ordem, um alerta para a ganância humana, outro para o clima de transição do mês de março, em Portugal, e o último ensina o teorema de Pitágoras. Sendo um cálculo matemático, trata-se de conhecimento próprio da tradição escrita que é veiculado por um texto próprio da tradição oral. Os seguintes exemplos são textos orais que desenvolvem a consciência linguística:

O rato roeu	Uma meia, meia feita
a rolha da garrafa	Outra meia por fazer
do rei da Rússia	Diga-me lá se souber
	Quantas meias vêm a ser

No primeiro, apresentado em formatação arbitrária e numa das suas muitas versões, a aliteração do fonema /R/ tem por objetivo, como todos os trava-línguas, desenvolver a capacidade articulatória. Já no caso da adivinha assente num trocadilho, com rima em três versos e o mesmo número de sílabas métricas em todos os versos, o conhecimento sobre a língua exigido e/ou transmitido é a homofonia entre o nome feminino formado pela redução de meia-calça, sinónimo de peúga, e o quantificador numeral fracionário, sinónimo de metade.

O género narrativo manifesta-se nas sociedades ágrafas, através de contos, lendas e mitos. Estas narrativas orais podem adotar duas estratégias mnemónicas opostas. Podem ter uma forma fixa com recurso a técnicas de versificação ou ter uma forma totalmente livre e com apenas um núcleo central do conteúdo, da história, obrigatório. Na cultura oral portuguesa, as lengalengas, como a do “cuco que não gostava de couves”, poder-se-ão aproximar do primeiro caso. No segundo caso, o efeito da estratégia mnemónica tem sido reduzido pelo facto de o estudo dos contos populares orais nas sociedades modernas ter implicado o seu registo escrito. Apesar da uniformização duma forma originalmente livre, podem coexistir diferentes versões escritas e estas mantêm muitas características da oralidade. A lenda portuguesa da Dama Pé-de-Cabra é um exemplo paradigmático. Trata-se de um “romance de um jogral”, do século XI, cuja ação se desenrola cerca do século VIII. A versão escrita mais popular mimetiza o inexistente contexto oral, como se dum contador de histórias medieval se tratasse. Começa assim:

“Vós os que não credes em bruxas, nem em almas penadas, nem em tropelias de Satanás, assentai-vos aqui ao lar, bem juntos ao pé de mim, e contar-vos-ei a história de D. Diogo Lopes, senhor da Biscaia / E não me digam no fim: - "não pode ser." - Pois eu sei cá inventar coisas destas? Se a conto, é porque a li num livro muito velho. E o autor do livro velho leu-a algures ou ouviu-a contar, que é o mesmo, a algum jogral em seus cantares.”

Alexandre Herculano, in *Lendas e Narrativas* (1851)

Por fim, o texto dramático escrito é duplamente tributário da oralidade. Por um lado, tenha ele origem em rituais, danças, jogos ou em contadores de histórias, o texto dramático terá começado com a prática oral do teatro. Por outro lado, o drama escrito só vive plenamente ao ser dito e ouvido em simultâneo (representação, mesmo diferida) e em contexto e interação com linguagens não-verbais (encenação), não quando é lido. O texto dramático é o espetáculo teatral e, agora também, a ficção audiovisual, em particular a sétima arte. Especialmente nos textos versificados orais, mas também nos narrativos e teatrais, a música pode ter, entre outras, uma função mnemónica.



Figura 1 - Igreja de S. Francisco, Évora
<http://azulejosnaminhatererra.blogs.sapo.pt>



Figura 2 - Brasão espanhol
<http://pt.wikipedia.org>

A picturalidade é o registo material e permanente de mensagens em textos visuais inscritos em objetos do quotidiano, utilitários ou decorativos, e no interior ou no exterior de edifícios. Assim, a picturalidade manifesta-se, por exemplo, em tapetes, potes, pratos e no revestimento decorativo de paredes. Pode abranger todas as artes plásticas e decorativas. Em Portugal, a azulejaria desenvolveu-se também para contar histórias. São muitos os exemplos de representação da Via Sacra, no interior de antigas igrejas portuguesas (figura 1), numa espécie de banda desenhada sem

palavras, com vários metros de altura, ao longo de todas as paredes, para crentes que não sabiam ler. Outra manifestação importante da picturalidade, ao longo dos séculos, tem sido a heráldica, a formalização do registo visual de mensagens acerca das origens e/ou identidade das famílias e dos territórios. O significado do texto do atual brasão espanhol (figura 2), simultaneamente acerca duma família e dum país, é evidente para quem, mesmo analfabeto, conheça a realidade cultural espanhola. Uma monarquia plurinacional, cuja parte historicamente mais importante, no topo à esquerda (de acordo com a tradição escrita!), é Castela (Cantábria, Castela, La Mancha), logo seguida de Leão (Astúrias, Galiza, Leão, Extremadura). Depois, os países catalães (Aragão, Catalunha, Baleares, Valencia, Múrcia) e Navarra (Navarra, La Rioja, País Basco). Por fim, o atual território do reino ficou praticamente completo com a conquista de Granada (Andaluzia) representada pela romã, em espanhol, granada. Ao centro, as três flores-de-lis que representam a família reinante, os Bourbon. Em cada lado, uma das duas míticas Colunas de Hércules para realçar o controlo espanhol do mar do estreito de Gibraltar, as antigas portas da civilização.



Figura 3 - Homem romani
<http://entidadesciganasdaumbanda.blogspot.pt>



Figura 4 - Judeu ortodoxo
www.generationword.com



Figura 5 - Noivas cristãs
<http://viveroutravez.blogspot.pt>



Figura 6 - Viúvas hindus
<http://comunidadehib.blogspot.pt>

Mas estas mensagens visuais, nas sociedades de tradição oral, tal como nas sociedades modernas, podem também ser transportadas pelos indivíduos e podem mesmo estar inscritas no próprio corpo humano. Em Portugal, um homem com barba grande, vestido de preto e com chapéu igualmente preto será muito provavelmente

identificado como um português romani (figura 3). Na Bélgica, um homem idêntico, mas com camisa branca e duas tranças, será um belga judeu ortodoxo (figura 4). Uma mulher de véu e vestido branco, entre nós, é certamente uma noiva (figura 5). Num país oriental, poderá ser uma viúva (figura 6). Nestes casos, as mensagens estão no vestuário, no penteado e na barba, mas o grupo de pertença, o contexto de uso ou o estatuto do indivíduo também se podem manifestar na joalharia, como o anel de noivado ou a aliança de casamento (figura 7), na maquilhagem ou, de forma permanente, em tatuagens e escarificações, marcas de incisões na pele (figura 8). Entre os presos, a tatuagem criminal, na face superior da mão, entre o indicador e o polegar, obedece a uma hierarquia de crimes a que corresponde uma hierarquia de símbolos visuais (figura 9). Um ponto negro para carteiristas, dois para violadores, três para tráfico, quatro para furto, cinco para roubo e nove para chefe de quadrilha. (Note-se a irrelevância atribuída à violação, pouco mais do que roubar carteiras!)

Em todos os exemplos de picturalidade apresentados é evidente que esta linguagem visual não é de compreensão espontânea. Em todos os casos, a leitura do texto depende de aprendizagens mais ou menos formais do código e depende do conhecimento do contexto alargado em que é utilizado. O recurso a este tipo de textos visuais é universal, ocorre tanto nas culturas de tradição oral como nas de cultura escrita consolidada, mas o código, a “língua visual”, não é sempre o mesmo. Cada código pictural resulta da cultura do(s) grupo(s) que o utiliza. Outros mecanismos universais com códigos locais de transmissão de mensagens são a música, a dança, os sinais de fumo e de tambor.



Figura 7 - Anel de noivado e alianças de casamento
<http://amorumlugarestranho.blogspot.com> & www.anuncios-angola.com

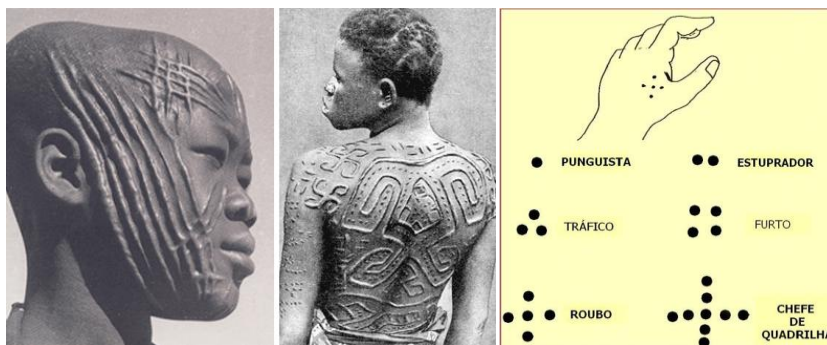


Figura 8 - Escarificações
<http://weburbanist.com>

Figura 9 - Tatuagem criminal
<http://sigtatoo.blogspot.pt>

Outra característica própria das culturas de tradição oral é o facto de interpretarem aspetos da realidade, e de os representarem no léxico das suas línguas, tendo como matriz o corpo humano (figura 10) e a observação direta da natureza. Os termos para medir e designar o(s) espaço(s) são termos que designam partes do corpo humano. Em português temos, nalguns casos tivemos, polegada, dedo, palmo, mão-travessa, mão-cheia, punhado, braça, passo, pé e lágrima para medir comprimento e volume, a par dos mais recentes e padronizados metro e litro. De igual modo, na designação de características geográficas do território e, portanto, também na toponímia, reaparece esta geografia corporal herdada dum passado de cultura de tradição oral. Assim, temos cabeça, cabo, olho, garganta, língua, costa, braço, cotovelo e cú, de Judas e do mundo.

Na cultura popular medieval, na Europa ocidental, o comportamento humano, além de associado aos astros, era também relacionado com partes do corpo. Os indivíduos de carácter fleumático tinham o seu humor assente nos pulmões. O carácter colérico provinha do pâncreas, o cruel radicava no coração e o carácter melancólico emanava do fígado. Em português, perduram as pessoas com coração e as pessoas com maus fígados.

A observação direta de fenómenos da natureza resultou em sistemas de localização no espaço e no tempo que se mantêm até hoje, em diferentes graus, nas diferentes línguas. Em português, os termos populares para designar dois pontos cardeais são levante e nascente, para o leste, e poente, para o oeste. Em tempos, o sul foi o meio-dia, como ainda é em francês (*le midi*), em italiano (*il mezzogiorno*) e, em desuso, em espanhol (*el mediodía*). Relativamente à localização no tempo, as culturas de tradição oral servem-se do ciclo lunar crescente, cheia, minguante, nova que perfaz uma lua, mais ou menos as quatro semanas do mês do calendário solar. Já em inuita, lituano, polaco, turco, ucraniano e muitas outras línguas, os meses do ano são designados por características da natureza próprias de cada mês. O calendário

ucraniano, por exemplo, é constituído por varas (janeiro), friíssimo (fevereiro), bétulas (março), flores (abril), ervas (maio), bichos (junho), limoeiros (julho), foices (agosto), torgas (setembro), amarelecer (outubro), folhas-caem (novembro) e chão-gelado (dezembro).

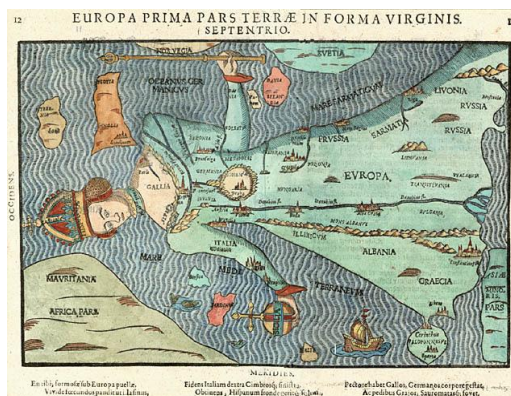


Figura 10 - *Virgem Europa* (1581), de Heinrich Bunting
<http://tempocaminhado.blogspot.pt>

A concepção abrangente de património oral proposta deve, por fim, incluir as novas modalidades do oral, resultantes do progresso tecnológico verificado no século XX. Com efeito, o audiovisual e as tecnologias de informação e comunicação deram origem a tipos de textos que, de diferentes maneiras, revalorizam a oralidade nas sociedades de tradição escrita consolidada. Assim, os textos da televisão e do cinema, concebidos e apresentados em linguagens visuais, musicais e verbais orais, são hoje incontornáveis meios de acesso quotidiano à informação e de fruição de obras que contam histórias ficcionadas. Estes novos textos orais podem contribuir para a redução das práticas frequentes de leitura utilitária e literária.

Mais recentemente, porém, as tecnologias, além de facilitarem o acesso a virtualmente toda a informação escrita, contribuíram ainda para um aumento exponencial da própria prática de produção escrita, várias vezes ao dia, todos os dias, especialmente entre os mais jovens. Nunca, na história da Humanidade, tanta gente escreveu tanto como na atualidade. Porém, no caso dos grupos de conversação na internet (*chat*) e das mensagens curtas de telemóvel (sms), a escrita simplificada dominante (figura 11), apesar de se apresentar por escrito, adota características próprias dos textos orais: frases curtas, simples e incompletas, parataxe, orações coordenadas, hesitações, repetições, elipses, contrações, erros, vocabulário coloquial e até formas de picturalidade concretizada nos ícones que representam emoções (*emoticons*). Devido ao seu caráter híbrido, oral e escrito, esta variedade linguística, nova em todas as línguas escritas, é designado escritoralidade ou ciberfala (*cybertalk*).

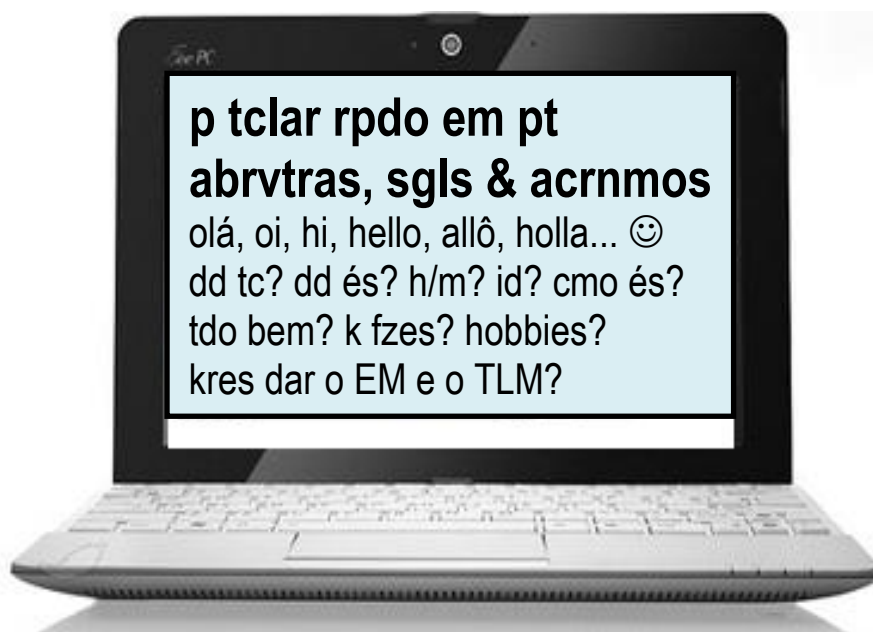


Figura 11 - Escritorialidade

Na conceção aqui apresentada, o património próprio das culturas orais, que persiste também nas sociedades com tradição escrita consolidada, oferece um conjunto de instrumentos e mecanismos que podem contribuir para a abordagem de muitos conteúdos curriculares dos programas de Português, em diferentes níveis de ensino, e para o desenvolvimento de estratégias interdisciplinares, com as disciplinas de História, Educação Visual, Educação Musical, Expressão Dramática, Geografia e Física, e de estratégias interculturais, em especial nas aulas de Português Língua Não Materna. Os textos e características de matriz oral são a poesia, a canção, os aforismos, os contos e lendas, o teatro, as artes plásticas e decorativas, a heráldica, a televisão, o cinema, a geografia corporal e observação direta, e a escritorialidade.

Com este património oral podem conceber-se estratégias e/ou materiais para o desenvolvimento dos seguintes desempenhos e conteúdos de duas competências dos programas de Português em vigor. Por um lado, a generalidade dos conteúdos e desempenhos da compreensão do oral, mas também conteúdos que surgem enunciados na competência de leitura. Assim, poder-se-á recorrer ao património oral e à prática da oralidade, em vez da leitura, para escutar e ver textos multimodais, líricos, narrativos e dramáticos; e para analisar categorias da narrativa, recursos estilísticos de natureza fonológica e técnicas de versificação. Por outro lado, os instrumentos e mecanismos da cultura oral permitem o tratamento de conteúdos de quatro planos do conhecimento explícito da língua. No plano fonológico, a sílaba métrica, a rima fonética e a homofonia. No plano lexical e semântico, a estrutura lexical, o campo semântico e a polissemia. No plano discursivo e textual, além dos géneros literários e

dos recursos estilísticos, a código oral e escrito. Por fim, no plano da representação gráfica e ortográfica, os sistemas de escrita e a ortografia.

Bibliografia

- Calvet, L.-J. (1984). *La tradition orale*. Paris: Presses universitaires de France.
- Crystal, David (2002). *El lenguaje e Internet*. Madrid: Cambridge University Press.
- Geraldi, J.W. (2002). “Culturas orais e língua escrita: três retratos três por quatro”. In *Palavras 21*. Lisboa: APP.
- Jean, G. (1991). *Langage de signes, l'écriture et son double*. Paris: Gallimard.
- Kress, G. & Leeuwen, T.v. (1996). *Reading Images. The Grammar of Visual Design*. Londres: Routledge.
- Melo, S. & Rebelo, I. (2007). «“*Enviar*” ou “*falar para*”? Funcionamento da *escritorialidade* na comunicação eletrónica – foco nos chats». In Pinto, P.F. (org). *Saber Ouvir, Saber Falar*. Lisboa: APP.
- Reis, C. (coord) (2009). *Programa de Português do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação-DGIDC.
- Rey, B. (2007). “Cultura escriptural e identidade pessoal”. In *Palavras 32*. Lisboa: APP.